

NARRAR COM O OUTRO: O MÉTODO DA “LEITURA DE CAPÍTULO” DE DANIELA ARBEX COMO COMUNICAÇÃO-VÍNCULO NO JORNALISMO

*NARRATING WITH THE OTHER:
DANIELA ARBEX’S “CHAPTER READING” METHOD AS COMMUNICATION-LINK
IN JOURNALISM*

*NARRAR CON EL OTRO:
EL MÉTODO DE “LECTURA DE CAPÍTULO” DE DANIELA ARBEX COMO
COMUNICACIÓN-VÍNCULO EN EL PERIODISMO*

*Original recebido em: 14 de fevereiro de 2025
Aceito para publicação em: 04 de agosto de 2025
Publicado em: 24 de setembro de 2025*

Luiza Gould
Renata Rezende Ribeiro

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre o método de trabalho da jornalista Daniela Arbex denominado “leitura de capítulo”. Por meio de entrevista semiestruturada com a autora, com um de seus personagens e de material em vídeo cedido para este estudo, investigamos o compartilhamento da escrita com os entrevistados enquanto caminho para a construção de narrativas que consideram a alteridade como capacidade de reconhecer e respeitar a singularidade do Outro. A análise articula-se com a noção de codificação/decodificação (Hall, 2003), e observa de que forma o diálogo entre repórter e personagem é capaz de ressignificar sentidos a partir da escuta ativa. Observamos, ainda, como essa prática pode contribuir para estreitar vínculos no jornalismo em tempos de midiatização (Sodré, 2014; Ferrara, 2018; Quiroga, 2020). Parte dos resultados indica que a técnica favorece representações mais verossímeis, fornecendo pistas de como evitar a reprodução de violências simbólicas contra sujeitos vulnerabilizados.

Palavras-chave: Reportagem Jornalística; Código; Vínculo; Alteridade; Leitura de Capítulo.

ABSTRACT

This article presents a reflection on the technique known as the “chapter reading”, a working method used by journalist Daniela Arbex. Through a semi-structured interview with the author, one of her subjects, and video material provided for this study, we examine how the act of sharing the written narrative with interviewees can contribute to the construction of narratives that consider alterity as the ability to recognize and respect the uniqueness of the Other. The analysis is articulated with the notion of encoding/decoding (Hall, 2003), and observes how the dialogue between reporter and subject can reframe meanings and foster active listening. We explore how this type of practice can help strengthen bonds in journalism in times of mediatization (Sodré, 2014; Ferrara, 2018; Quiroga, 2020). Part of the results indicates that this technique promotes a more truthful representation of the other, providing insights on how to avoid the reproduction of symbolic violence against marginalized subjects.

Keywords: Journalistic Report; Code; Link; Alterity; Chapter Reading.

RESUMEN

Este artículo presenta una reflexión sobre la “lectura de capítulo”, método de trabajo de la periodista Daniela Arbex. A través de una entrevista semiestructurada con la autora, con uno de sus personajes, y material de video proporcionado para este estudio, problematizamos cómo el acto de compartir la escritura con los entrevistados puede contribuir a la construcción de narrativas que tengan en cuenta la alteridad. El análisis se articula con la noción de codificación/decodificación (Hall, 2003), y observa cómo el diálogo entre reportero y personaje puede resignificar sentidos y generar una escucha activa. Observamos cómo este tipo de práctica comunicacional puede contribuir a estrechar los vínculos en el periodismo en tiempos de mediatización (Sodré, 2014; Ferrara, 2018; Quiroga, 2020). Parte de los resultados indica que esta técnica favorece la representación del otro de forma más verosímil, proporcionando pistas sobre cómo evitar la reproducción de violencias simbólicas contra sujetos vulnerabilizados.

Palabras clave: Reportaje Periodístico; Código; Vínculo; Alteridad; Lectura de Capítulo.

1. INTRODUÇÃO

O que fazer depois que o encontro com a fonte no jornalismo chega ao fim? No caso da jornalista Daniela Arbex¹, a resposta à pergunta vai além do texto, e esse artigo tem como objetivo problematizar o método de trabalho empregado por ela na produção de seus livros-reportagem. Denominada como “leitura de capítulo” essa técnica se baseia em uma narrativa que é lida para os entrevistados antes da publicação da obra.

O retorno do contato com o entrevistado após a escrita pode ocorrer tanto pessoalmente quanto por telefone ou ainda por videochamada. Daniela afirma que já chegou a passar até seis horas consecutivas neste processo de “reencontrar o outro” para checar informações, coletar dados complementares e compartilhar descobertas.

Com base em entrevistas semiestruturadas realizadas com a jornalista e um de seus personagens, além da análise de material em vídeo (que demonstra a prática desse método de trabalho) fornecido por ela², refletimos sobre a possibilidade de a “leitura de capítulo” constituir um caminho mais sensível e cuidadoso para a construção de narrativas com (e não apenas sobre) o Outro (o entrevistado/personagem da história). O vídeo analisado contém recortes editados

¹ Daniela Arbex integrou a equipe do jornal *Tribuna de Minas* por 23 anos até se dedicar à elaboração de livros-reportagem. É autora das obras *Holocausto Brasileiro* (2013); *Cova 312* (2015); *Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate Kiss* (2018); *Os dois mundos de Isabel* (2020); *Arrastados* (2022) e *Longe do Ninho* (2024).

² Este material foi gravado pela produtora Vagalume Filmes, de propriedade do irmão de Daniela, Alessandro Arbex. As filmagens contaram com assinaturas de cessão de uso de imagem por parte dos participantes, arquivadas à época. Porém, como os documentos não foram assinados para divulgação no âmbito desta pesquisa, optamos por empregar o anonimato nas citações. Cabe sinalizar que o vídeo é apresentado em palestras e cursos pela jornalista.

de três “leituras de capítulo” realizadas com familiares de vítimas da boate Kiss, após incêndio que deixou 242 mortos em Santa Maria (RS), no ano de 2023.

Ressaltamos que, especificamente nesse contexto, nos referimos ao Outro como alguém vítima de violência, seja um sujeito à margem da sociedade ou alguém acometido por um crime, considerando as pautas investigativas que são o foco do trabalho de Daniela Arbex.

Em nossa hipótese, a jornalista realiza uma espécie de cartografia (Martín-Barbero, 2001), traçando mapas psicológicos de cada entrevistado que, somados ao alinhamento do código (Hall, 2003) compartilhado, estabelecem um tipo de vínculo-comunicação cujos ganhos são refletidos no material publicado. Para tentar compreender essa prática comunicacional, usamos como aporte teórico os Estudos Culturais, em um campo de investigação interdisciplinar. Inicialmente, analisamos os modos de codificação e decodificação presentes nas “leituras de capítulo”, em diálogo com Stuart Hall (2003) e, em um segundo momento, na relação com a perspectiva cartográfica de Jesús Martín-Barbero (2001). Por fim, conectamos o conceito de midiatização (Sodré, 2002, 2014; Quiroga, 2020) de forma a problematizar a associação com a alteridade neste tempo contemporâneo, em que a mídia se tornou uma esfera central na organização do cotidiano, influenciando não apenas a forma como as informações são transmitidas, mas como os sujeitos constroem significados e produzem sentidos.

Na vida cotidiana midiatizada, marcada pela intensificação das tecnologias digitais e pela crescente interconectividade global, o acontecimento jornalístico assume novas dinâmicas e desafios. O ciclo noticioso se acelera, tornando a efemeridade um dos traços característicos da informação na contemporaneidade. Diante desse cenário, é fundamental repensar o papel do acontecimento jornalístico e seu desenvolvimento narrativo.

As discussões aqui presentes integram pesquisa mais robusta, de doutorado, em que uma das autoras, supervisionada pela outra, se dedica a entender como a empatia age durante a imersão jornalística no cotidiano de vidas postas à margem. Os esforços se voltam a descobrir, por meio de entrevistas com jornalistas e seus personagens, como o que é vivido na etapa da apuração se reflete sobre as escolhas profissionais, resultando ou não em representações mais verossímeis. O estudo foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa em seu primeiro ano de realização, via Plataforma Brasil, tendo sido aprovado em novembro de 2023³. O artigo se propõe a ser um esforço introdutório de análise dos primeiros dados colhidos em campo,

³ O Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) consiste na numeração 74205923.9.0000.8160.

constituindo uma reflexão metodológica fundamentada com discussões teóricas que mobilizam autores da Comunicação, dos Estudos Culturais e da Filosofia.

2. CÓDIGO EM NEGOCIAÇÃO: O ACONTECIMENTO SE DESDOBRA EM NARRATIVAS

No clássico texto *Codificação/Decodificação*, Stuart Hall (2003) propõe uma chave de leitura para o processo comunicativo: ao invés de seguir no esteio dos pensadores norte-americanos acerca do circuito emissor / mensagem / receptor, Hall inaugura o modelo da produção-circulação-distribuição / consumo-recepção, uma abordagem análoga a da produção de mercadorias cunhada por Karl Marx em *O Capital*⁴. No âmbito desse modelo, circulação e distribuição estão estritamente ligadas ao discurso. É a partir da linguagem, e do retorno ao signo de Saussure⁵, que o intelectual vê a Comunicação: há uma associação arbitrária entre signo e significante por meio da cultura, em um campo de disputa.

No trabalho realizado pela jornalista Daniela Arbex, a codificação e a decodificação são exercitadas antes da recepção, quando *acontecimento* se torna *narrativa* (Hall, 2003, p. 389). A “leitura de capítulo” se dá neste ínterim, e é

[...] um momento em que você percebe que você acessou esse lugar de verdade e que a pessoa que tá te dando entrevista se sente representada no papel. *Aquela pessoa que tá ali naquele texto é aquela pessoa que te deu entrevista* [...] Quando você fala, você quer ser realmente representado, entendeu? (Arbex, 2023, entrevista a uma das autoras, grifo nosso).

Embora possa prezar pela representação verossímil, que gere identificação por parte de quem viveu a história, Arbex jamais fará com que a pessoa do texto seja a mesma que lhe concedeu a entrevista. Isso porque a jornalista constitui uma narrativa, distinta epistemologicamente do real (Hall, 2003, p. 392). A profissional escuta, pergunta, imerge em situações que nunca será capaz de compreender em sua integralidade. A partir desses encontros, precisa selecionar, hierarquizar, expor segundo seu próprio olhar: mediar. Têm-se a constituição da personagem, revestida de dupla face: “[...] aquela construída pela linguagem e colocada em narrativa e aquela do indivíduo empírico, mais complexa e menos determinada, mas que pode ser afetada pela representação, sempre falha e menor, do relato jornalístico” (Serelle, 2020, p. 60). A personagem e não a pessoa em si será apresentada ao leitor.

⁴ *O Capital* abriga as bases do pensamento marxista, sendo o conjunto de livros publicados a partir de 1867 em que o pensador reúne conceitos fundamentais à sua densa crítica da economia política. De forma sistemática, Marx consegue demonstrar as conexões estabelecidas entre produção, circulação, distribuição e consumo, dinâmica por trás do processo capitalista, por sua vez voltado à produção de bens para a geração de lucro.

⁵ Para o suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), o signo é por excelência o objeto linguístico, sendo composto por um conceito (significado) atrelado a uma imagem acústica (significante).

É possível que a pessoa (entrevistada) se reconheça naquela personagem, que a narrativa acerca de suas vivências se aproxime da narrativa da jornalista. Ou que haja um desencontro entre ambas, caso em que os códigos de codificação e decodificação sejam assimétricos. Para refletir sobre essas situações, analisamos o vídeo das “leituras de capítulo”. Trata-se de três narrativas pertencentes a um mesmo enredo: o incêndio da boate Kiss, investigado pela jornalista no livro *Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate Kiss* (Intrínseca, 2018). No primeiro minuto, Daniela lê para uma das mães das vítimas um trecho em que descreve a busca dela e da filha pelo vestido que a jovem usaria naquela noite. A entrevistada aparece nas imagens gravadas com os olhos arregalados e marejados enquanto acompanha, como se revivesse, a descrição detalhada da cena cômica no provador de uma loja. A jornalista interrompe a leitura e formula uma pergunta que inicia o diálogo entre ambas:

- *Você acha que isso te representa?*
- Me representou completamente, falou todos os detalhes. Como eu me perdi, a forma como eu me ausentei de casa em 2013, a forma como eu não aceitava a [Nome da vítima] ter morrido. Eu achava que lutar por justiça ia me trazer [Nome da vítima] de volta. Eu tinha aquela coisa, então eu era visita em casa... E a [Nome da irmã da vítima] com 13 anos, sozinha, sofrendo pela morte da irmã, vendo o vô se acabar de chorar, que o pai chorava todo dia, e procurando em mim uma pessoa que...
- Que não tinha condição de ser...
- Eu tava completamente louca. Eu não tinha condições... *Isso eu achei que foi bem real, tu conseguiu captar.* E do vestido também eu achei bem bom. (Participante A, 2017, leitura de capítulo com Daniela Arbex).

A pergunta “você acha que isso te representa?” mostra um cuidado para que tanto Daniela quanto a participante A estejam empregando o mesmo código. Há aqui uma tentativa de entender as relações de equivalência estabelecidas no momento da entrevista entre codificador-produtor (neste caso a participante A) e decodificador-receptor (Daniela) para evitar as distorções, considerando as diferentes estruturas de sentido que operam entre os dois processos (Hall, 2003, p. 390). Mas é ao falar sobre outra “leitura de capítulo”, também com trecho presente no vídeo, que Daniela Arbex esmiúça a complexidade desse circuito. Em depoimento para esta pesquisa, ela cita o encontro com os pais de outra vítima. O pai não concedeu entrevista à jornalista, mas quis acompanhar a leitura. Inicia-se, então, uma negociação:

[...] quando eu comeceia ler, ele disse: “Pode parar que tá tudo errado. Quero te dizer que eu nunca vou ler esse teu livro”. Levei um choque, tava gravando⁶ [...] Falei: “Participante B, é o seguinte, quem me deu entrevista sobre o que aconteceu foi a [Nome da esposa do participante], o senhor nunca falou sobre o que aconteceu, então vamos fazer uma coisa: deixa eu ler até o final. Quando eu terminar, se o senhor achar

⁶ As leituras de capítulo para o livro sobre a boate Kiss foram as primeiras documentadas por meio de filmagem, uma sugestão de Marcelo Canellas, jornalista e autor do prefácio da obra. Embora não caiba aos limites deste artigo, esse é um tópico passível de análise: até que ponto a presença de uma câmera influencia nos dizeres que estão postos ali, tanto em termos de tolher os entrevistados quanto de levar à performance?

que o senhor discorda ou que quer acrescentar alguma coisa, a gente faz isso. Pode ser?” (Arbex, 2023, entrevista a uma das autoras).

Quem era decodificador durante as entrevistas (Daniela Arbex) se torna codificador na leitura de capítulo. Ela partilha a narrativa elaborada, tendo diante de si, nesse momento, dois agentes de decodificação. Um deles, o participante B, acredita que “está tudo errado”, mas concorda em ouvir até o final para que, juntos, possam chegar a uma versão mais verossímil da história. Ao refletir sobre o episódio, Daniela constata a existência de um confronto de narrativas, a que jornalistas devem se ater:

[...] se um casal, marido e mulher, vê a morte do filho de maneiras diferentes, significa o quê? Que não tem uma verdade absoluta. Que *o que você tá fazendo ali é reconstruir a verdade e se aproximar ao máximo da verdade, mas a verdade absoluta não existe*. Porque eles divergem na forma como aconteceu, olha, marido e mulher, e *o seu papel enquanto jornalista é ouvir várias, várias narrativas para tentar entender, para reconstruir aquilo*. Então, em *Arrastados*⁷, eu ouvi cinco pessoas diferentes descreverem a mesma cena e cada um descreveu a cena de um jeito, mas *a forma que cada um contava agregava a do outro*, entendeu? (*Ibidem*, grifos nossos).

Não há verdade absoluta e o processo comunicativo não pode se confundir com o real. Antes, trata-se da “articulação da linguagem em condições e relações reais” (Hall, 2003, p. 393). Essa articulação, no entanto, em nossa perspectiva, pode e deve envolver ativamente todos os agentes da prática comunicativa.

A interligação da linguagem, segundo Hall, não é apenas uma troca de informações, mas um processo dinâmico que envolve o estabelecimento de vínculos entre os sujeitos. Esses vínculos são fundamentais na construção do sentido, pois permitem que as mensagens não sejam apenas transmitidas, mas também recebidas e interpretadas dentro de um contexto relacional. Ao se considerar a comunicação como uma prática social, é possível perceber uma teia de conexões que envolvem emoções, valores e experiências. Dessa forma, os vínculos criados no processo comunicativo são fundamentais para a construção de realidades compartilhadas, nas quais a linguagem se torna o meio de negociação e de construção de si e do Outro.

3. “COMUNICAÇÃO-VÍNCULO” NA LEITURA DE CAPÍTULO DE DANIELA ARBEX

Os códigos remetem signos a *mapas de sentido*, com diferentes significados, segundo Hall (2003, p. 397). Neles, os discursos são dispostos hierarquicamente, havendo determinadas

⁷ Quinto livro de Daniela Arbex, lançado em 2022 pela editora Intrínseca, *Arrastados* reconstitui as primeiras 96 horas após o colapso da barragem desativada da Mina do Córrego do Feijão, explorada pela mineradora Vale. O rompimento aconteceu em 2019 deixando 270 mortos na cidade de Brumadinho (MG).

acepções dominantes; assim se formam os pilares de conhecimentos culturais acessados por um indivíduo, permitindo que, por exemplo, uma notícia faça sentido e, conseqüentemente, que esse acontecimento seja inteligível. Instaurados também pelos *media*, os mapas apresentam determinadas visões de mundo, direcionando olhares e interpretações (Traquina, 2005, p. 177). Para Barbero (2001), no entanto, o uso é de outra ordem: os mapas aparecem como uma abordagem metodológica.

É por meio da cartografia que o autor fundamenta as bases para uma perspectiva latino-americana da Comunicação, buscando acompanhar processos ao invés de se ater a limites. “Mas quem disse que a cartografia só pode representar fronteiras e não *construir imagens das relações e dos entrelaçamentos*, dos caminhos em fuga e dos labirintos?” (Martín-Barbero, 2001, p. 12, grifo nosso). Para falar sobre esses entrelaçamentos, Barbero remete ao têxtil, às pregas e despregas de uma tessitura, mas também ao arquipélago, à interconexão entre múltiplas ilhas desagregadas do continente. É na diversidade de “mapas cognitivos” que Barbero metaforicamente alude a singularidades pertencentes umas às outras.

Nesse contexto, é possível traçar paralelos entre o arquipélago e as “leituras de capítulo” do vídeo cedido por Daniela Arbex. Os participantes em Santa Maria (RS) representam o diverso, em idades, personalidades, profissões, mas estão interconectados pela dor da perda dos filhos, por ocasião do incêndio que é objeto de interesse da jornalista. Daniela apresenta aqui o “olhar do investigador”, de que discorre o colombiano: “esse que procura os olhares de outros, os dos protagonistas [...] E é desde essa multiplicidade de questões e experiências, de dados duros e de metáforas que se vão construindo articulações mais ou menos fortes [...]” (Martín-Barbero, p. 15-16).

Esse olhar capaz de captar os dados duros e as metáforas, correlacionando-os na narrativa, está em busca de respostas para o que aconteceu no dia 27 de janeiro de 2013. Há aqui uma reconstituição dos fatos, mas igualmente a proposta de dar espaço para as “histórias não contadas” virem à tona, como sugere o título do livro-reportagem. A “leitura de capítulo”, mais do que um momento de checagem de informações, de codificação e decodificação, de possibilidade de construção conjunta, revela o estabelecimento de uma *vinculação* entre quem entrevista e quem já foi entrevistado.

O vínculo, nesse sentido, é compreendido como uma conexão simbólica, emocional e cognitiva que se estabelece entre esses indivíduos por meio do processo comunicativo. Para Barbero (2001), o vínculo se dá a partir do próprio conceito de mediação, enfatizando que as relações comunicacionais não são lineares, mas atravessadas por processos culturais e

históricos. O vínculo comunicacional surge das interações mediadas por contextos sociais e tecnológicos, onde o sentido é negociado continuamente.

Um exemplo da conexão emocional a que Barbero se refere pode ser expresso na seguinte cena em uma das “leituras de capítulo”: a mãe de uma vítima, cuja morte se deu junto das amigas no incêndio, chora ao lembrar o que disse quando soube do ocorrido na boate Kiss – “Eu tenho uma certeza: quando nós acharmos uma, encontraremos todas” (Participante C, 2017, leitura de capítulo com Daniela Arbex). Daniela Arbex se compadece com a emoção da entrevistada e estende a sua mão para segurar a dela. Em contrapartida, outro choro, o do participante B, representou para a jornalista o transpassar de uma fronteira em prol do entrelaçamento, em nova alusão a Barbero. No trecho apresentado adiante, Daniela conclui a descrição do momento em que o personagem alega estar “tudo errado” na narrativa construída: “[...] no segundo parágrafo, o senhor desabou, ele não parava de chorar, aquele gigante caiu, assim, desabou. Quando eu terminei, ele falou: ‘Queria te agradecer porque eu vou morrer, mas todo mundo vai saber quem foi meu filho’” (Arbex, 2023, entrevista a uma das autoras).

Em *Holocausto Brasileiro, Genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil* (2019), Daniela também sentiu dificuldade de acessar um de seus personagens, o bombeiro João Bosco Siqueira. Ambos relataram esse distanciamento⁸ vivido em parte porque João Bosco buscou esquecer o passado no tempo separado de sua mãe. Dona Geralda engravidou aos 14 anos, após ser violentada por seu patrão. Gestando João, ela foi levada ao Hospital Colônia de Barbacena (MG), para onde eram forçadamente enviados os “indesejáveis sociais”; mulheres, homens e crianças que recebiam a alcunha de loucos, mesmo sem qualquer diagnóstico psiquiátrico. Dois anos depois do nascimento, o menino seguiu para um lar de freiras, só revendo a mãe mais de quatro décadas depois. Daniela estava presente no segundo encontro entre Geralda e João Bosco, para conhecer, separadamente, a história de cada um. Foi na sala da casa daquela senhora, que a jornalista sentiu o bombeiro se “desarmar”. Para João Bosco, no entanto, a “leitura de capítulo” traz lembranças ainda mais significativas. Ouvindo a narrativa da jornalista por uma ligação telefônica, o bombeiro soube da constância dos estupros e conheceu detalhes da violência a que mãe foi submetida. Essa descoberta se mostrou crucial para a ressignificação da imagem daquela mulher, fruto de seu julgamento na adolescência, quando pensava ter sido abandonado:

⁸ Assim como Daniela Arbex, João Bosco Siqueira foi entrevistado presencialmente para esta pesquisa. A entrevista semiestruturada se deu a uma das autoras em Belo Horizonte, em setembro de 2023, no dia seguinte ao encontro com Daniela na cidade natal da jornalista, Juiz de Fora. Ambos os materiais possuem termos de consentimento assinados segundo modelo exigido pelo Comitê de Ética e Pesquisa.

O que me gerou muito esse assombro, foi esse dia que ela falou assim: “Ela não sofreu uma violência, ela sofreu várias violências e aí... e foram várias vezes”. E, sabe, eu falei assim: “Nossa, como uma pessoa teve coragem de fazer isso com uma criança...”. Eu fiquei vários dias pensando naquilo, sabe? E também essa...essa... primeiro que ela tava chorando comigo pelo telefone, ela chorando, eu fiquei assim... empacado (Siqueira, 2023, entrevista concedida a uma das autoras).

O impacto das leituras para os personagens parece se constituir a partir da *empatia*. A narração que tenta abarcar a dor de Geralda faz com que Daniela acesse um determinado lugar em João Bosco. O entrevistado-personagem se abre ao passado. Outro depoimento, selecionado do vídeo com os pais de Santa Maria (RS), oferece mais contribuições a respeito do conceito de empatia. Ao elogiar o trabalho de Daniela Arbex, a esposa do participante B alude à complexa relação entre o Eu e o Outro: “E tu vai vivenciando, né, a realidade de cada um, *vai introjetando dentro de ti e isso vai te humanizando, vai nos humanizando* muito mais, né, porque a gente vai sentindo assim que o ser humano, né, ainda vale a pena” (Participante D, 2017, leitura de capítulo com Daniela Arbex).

A empatia é definida por Roman Krznaric (2015, p. 10) como a “a arte de se *colocar no lugar do outro* por meio da imaginação, compreendendo sentimentos e perspectivas e usando essa compreensão para guiar as próprias ações”. A empatia, enquanto compreensão emocional, está intimamente relacionada à alteridade, especialmente no campo da Comunicação e Informação, onde são fundamentais para o entendimento das dinâmicas interpessoais, sociais e culturais. A alteridade, enquanto reconhecimento da existência do Outro – com suas próprias identidades, perspectivas e valores –, é fundamental para uma comunicação ética. “A relação com o outro é uma relação com um mistério. O outro não é um ‘eu’ em outro lugar, mas um infinito que nunca se deixa reduzir” (Lévinas, 1974, p. 173). A alteridade, para Lévinas, vai além de uma diferença relativa dentro de um mesmo sistema (com contrastes culturais ou identitários). Se trata de uma diferença radical e irreduzível; é uma abertura radical ao Outro, sem reduzi-lo à nossa própria compreensão. Em um mundo marcado por conflitos e exclusões, esse pensamento propõe uma ética baseada no respeito, na responsabilidade e na hospitalidade ao diferente.

Para Paul Ricoeur (2014), a relação com o Outro é também essencialmente ética e o processo de autoconhecimento envolve reconhecer o Outro dentro de si e fora de si. O filósofo argumenta que a justiça e a responsabilidade emergem do reconhecimento da alteridade. Assim, a compreensão do Outro é também um caminho para compreender a si mesmo. Nós nos compreendemos na medida em que dialogamos com outras perspectivas. A alteridade, nessa acepção, não é apenas um dado externo, mas algo constitutivo da própria identidade. Através

da narrativa e do reconhecimento do Outro, construímos nossa própria subjetividade de forma mais dinâmica e aberta ao diálogo.

A empatia e a alteridade não apenas contribuem para os princípios de uma comunicação ética, mas também permitem a construção de vínculos sociais mais sólidos e inclusivos. No campo da Comunicação e da Informação, isso se traduz na capacidade de interpretação de situações diversas e de produção de mensagens que respeitem vozes múltiplas, ou seja, na capacidade de se ouvir ativamente. Essa forma de escuta mais sensível permite transformar o ato de comunicar em gesto ético de reconhecimento e responsabilidade diante do Outro. Ademais, ao considerar a alteridade como constitutiva da própria identidade, como propõe Paul Ricoeur (2014), abre-se espaço para se repensar a comunicação como um processo de mutualidade. Cada encontro com o Outro – com suas histórias, experiências, valores, etc. – amplia o horizonte interpretativo. A comunicação torna-se, assim, espaço de negociação simbólica em que os sujeitos não apenas trocam informações, mas co-constroem. Essa perspectiva é significativamente relevante em sociedades marcadas pela desigualdade e pelo silenciamento de vozes vulnerabilizadas, pois reconhece experiências marginalizadas como centrais para construção de narrativas mais justas e transformadoras.

No trabalho de Daniela Arbex, refletimos até que ponto a imersão na singularidade dessas vidas consegue representar a passagem dos sentimentos emotivos – o choro, a angústia que a jornalista revela ter levado para a sua vida pessoal, a mão estendida – à consciência mais crítica de contexto, que resulte em intervenções solidárias no cotidiano, conforme propõe Serelle (2020, p. 61). Conforme situamos, a reflexão orienta uma pesquisa mais ampla, que extrapola os limites deste artigo, o qual se configura, portanto, como um recorte temático específico do método empregado pela jornalista.

Fazemos o questionamento aqui também por um motivo específico: se Daniela consegue realizar uma espécie de cartografia em seu método de “leitura de capítulo”, como acreditamos, esse fazer não pode se limitar às ações emotivas; antes, estamos falando de um *processo* a que ela se debruça, maior do que as vítimas dos crimes que investiga; um processo de denúncia capaz de também se ater às histórias individuais, embora não se encerre nas mesmas.

A humanização citada pela participante D passa pelo encontro estabelecido com cada entrevistado, pela construção de forma partilhada durante a leitura, mas igualmente precisa anteceder e suceder esses momentos. A partir de Fabiana Moraes (2022, p. 10), acreditamos que a elaboração da pauta já define se o material criado irá de encontro “[...] a uma desumanização também alimentada pelo próprio jornalismo” ou se servirá a ela quando não se

posiciona contrariamente a uma objetividade atrelada à cor, gênero, endereço e poder específicos. Dessa forma, entendemos que a humanização e uma compreensão ética da alteridade precisam se estender à integralidade das *mediações*, particularmente quando nos referimos ao trabalho jornalístico.

4. CARTOGRAFIAS E MEDIAÇÕES EM TEMPOS DE MUDIATIZAÇÃO

Em *Ofício de Cartógrafo*, Barbero (2001) volta seu olhar tanto à configuração do campo quanto aos seus próprios itinerários para pensar as *mediações* e, por conseguinte, a sociedade a partir da Comunicação. O autor estabelece uma mudança de perspectiva: ao invés de estudar os efeitos dos meios, num modelo de estímulo-resposta, que até poderia fazer sentido nos Estados Unidos, mas não na América Latina, a proposta é encontrar *o que há entre* estímulo e resposta.

A midiatização amplia ainda mais essa perspectiva, considerando a influência estruturante da mídia nas dinâmicas sociais, culturais e institucionais. Segundo Sodré (2014, p. 208), se a mediação envolve uma imagem interposta entre o indivíduo e o mundo, no *bios* midiático, indivíduo e mundo são a própria imagem gerida por um código tecnológico. Nesse argumento em específico, o vínculo estabelecido por Daniela Arbex desponta como uma espécie de resistência: a “leitura de capítulo” só existe porque antes há uma relação estabelecida entre jornalista e entrevistados, mediada, e não midiatizada, por mais que esses encontros possam gerar produtos imagéticos futuros passíveis de circular como mercadorias imateriais⁹. Por trás do método há, portanto, a comunicação, que exige a partilha do *comum*, numa perspectiva distinta da naturalização das experiências promovida pela midiatização.

“Originariamente, comunicar – ‘agir em comum’ ou ‘deixar agir o comum’ – significa vincular, relacionar, concatenar, organizar ou se deixar organizar pela dimensão constituinte, intensiva e pré-subjetiva do ordenamento simbólico do mundo”, afirma Sodré (2014, p. 9). Tensionando a perspectiva da vinculação a partir do autor, observamos que laços coesivos mantêm a extensão afetiva e dialógica de um grupo. O autor não se refere aqui à atividade

⁹ A documentação das leituras de capítulo poderia vir a constituir no futuro documentários a respeito das histórias apuradas ou mesmo vir a integrar conteúdos ficcionais. Os dois livros-reportagem citados neste artigo foram adaptados para o audiovisual. *Holocausto Brasileiro* motivou tanto um documentário, dirigido por Arbex e Armando Mendz, com lançamento pela HBO, quanto inspirou a série de ficção *Colônia*, criada e dirigida por André Ristum e lançada em 2021 pelo Canal Brasil em dez episódios, disponíveis para assinantes dos Canais Globo e Globoplay. Uma segunda temporada foi anunciada em 2024. Já a obra *Todo dia a mesma noite*, foi dramatizada em cinco episódios em série criada por Gustavo Lipsztein e lançada pela Netflix em 2023, ano em que o incêndio na boate Kiss completou uma década. Na semana de estreia, de 23 a 29 de janeiro, a série alcançou a sexta posição no top 10 de produções de língua não inglesa mais vistas nessa plataforma, sendo consumida durante 28,3 milhões de horas ao redor do globo. Nenhum desses produtos pertence à nossa investigação, mas é importante mencioná-los para fins de contextualização, em virtude do cenário de midiatização.

midiática, mas ao que vai além dela. É o vínculo que consolida o Comum, centro da comunicação. No cotidiano midiaticado, esse Comum é usado a favor do capital, porém ele não deixa de ser o fator de coesão da existência humana.

Tal coesão nos remete a uma outra perspectiva de mediação, desta vez da pesquisadora Lucrecia D’Alessio Ferrara (2018), que se atém à semiose por trás do conceito, tendo interesse na produção de significados a partir dele. Ela considera a mediação como um fenômeno que “está sendo” e, enquanto matriz conceitual, a desloca da técnica para o homem, num emaranhado em que não se pode perder o foco das pessoas e de suas interações. Em uma releitura de Sodré, Lucrecia propõe um outro *bios*, igualmente relativo às conexões, mas não àquelas que se assemelham a uma rede neural movida pela tecnologia eletr nica (Paiva; Sodré, 2022). Nesse outro *bios*, o interativo, “[...] o modo de comunicar adquire relevância que exige ser considerada, a fim de que possamos atingir outro nível de análise e enfrentemos o papel das suas consequências como agente que une o homem a todas as espécies vivas” (Ferrara, 2018, p. 153). Atravessando o objeto deste artigo com essa proposta, demarcamos que Daniela Arbex não cria suas narrativas por meio da linguagem solitária, do domínio individual do código que pode ser patrocinado pelos processos midiáticos, como adverte a pesquisadora, mas exatamente da intera o. No fim, tal qual Sodré, o que Ferrara propõe   uma migra o de processos midiáticos para processos comunicativos, entendidos por ela como outra face dos meios.

Uma vez tomando a “leitura de capítulo” como resgate da riqueza simbólica do Comum, também   crível consider -la como uma fissura no que tange   ideia de atrofia do tempo, contribui o de Quiroga (2020). Para o pesquisador, a acelera o da circula o em fluxos informacionais, a integra o das organiza es aos procedimentos da media o e os investimentos no *tempo real* são alguns dos fatores que levam a uma atrofia da virtualidade do tempo, em seu caráter emancipatório, responsável pela alteridade crucial ao conhecimento.

A velocidade deste tempo aparece como oposta ao espaço da inferência e   experiência da dura o, sustentada, entre outros pilares, pelo que Quiroga chama de “tensão dial tica eu-outro”. “Fundadas no valor constitutivo da velocidade, as lógicas do tempo real já não toleram a presença de um *outro* que não seja sua própria intensifica o” (Quiroga, 2020, p. 63). Somada a processos e conjeturas diversas, a acelera o faz com que o encontro no jornalismo possa se transformar em violência, como constata Daniela Arbex (2023)¹⁰ ao falar sobre a linha tênue entre reportar e ferir: “o *hard news*  s vezes te suga... Pra você conseguir alguma coisa no *hard*

¹⁰ Em entrevista a uma das autoras deste artigo.

news você às vezes passa por cima do sentimento daquela pessoa, você vai entrando, você não pede licença, porque você não tem tempo para pedir licença, entendeu? E isso é cruel”.

Arbex admite já ter tido essa postura quando trabalhava em *hard news*, mas também apresenta outros tipos de abordagem e cita o questionamento interno a essa prática na redação. Não ter “tempo para pedir licença” é abdicar da própria comunicação, se tomarmos a perspectiva de que comunicar é estabelecer conexões (Paiva; Sodré, 2022, p. 32). Nesse ponto, uma afirmação da jornalista nos leva a novos questionamentos: “[...] na matéria do dia a dia sobre o buraco na rua é impossível estabelecer conexão semelhante àquela construída ao longo de um ano com os personagens de seus livros” (Arbex, 2023, entrevista concedida a uma das autoras). Essa distinção aliada à atrofia do tempo na midiaticização destinaria apenas ao gênero mais imersivo do jornalismo, a grande reportagem¹¹, o *locus* de uma prática que considera a alteridade? A partir de Fabiana Moraes (2022), problematizamos essa perspectiva. Para ela,

[...] a pressa, o tempo de exercício profissional e o maior espaço e profundidade nas investigações jornalísticas são assuntos importantes para pensar no resultado do conteúdo noticioso, de fato. Mas eles não explicam questões como a permanência do racismo e do classismo comuns nos veículos diários, tampouco a exotificação de populações indígenas ou nordestinas, para ficar apenas em alguns exemplos. *Também consagram somente à reportagem o lugar de um melhor jornalismo, como se a notícia cotidiana não fosse justamente aquela que nos transpassa com maior continuidade, fomentando imaginários, dizeres e saberes* (Moraes, 2022, p. 9, grifo nosso).

A prática da “leitura de capítulo” demanda não só tempo hábil para realização desse trabalho como tempo prévio para o estabelecimento de uma relação de confiança entre jornalista e entrevistados. Por isso, a implementação se mostra mais viável no âmbito da grande reportagem. Essa constatação, no entanto, não exige o repórter da busca pelo desempenho mais sensível, respeitoso e menos violento com o Outro no *hard news*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, problematizamos o método de trabalho de Daniela Arbex, com potencial de gerar uma representação mais verossímil porque gestada com e não sobre alguém. Se a cartografia é a imagem de um entrelaçamento, ao escutar sobre a “leitura de capítulo”, na entrevista realizada com uma das autoras, compreendemos estar diante desse arquipélago. Por trás da denúncia posta estão códigos negociados, disputas e encontros na linguagem. Está em curso mais do que um processo midiático, um processo comunicativo. Cada narrativa

¹¹ Para Edvaldo Pereira Lima (2008, p. 24), grande reportagem é o produto jornalístico que contém aprofundamento extensivo (nível de detalhamento, com apresentação de dados; dimensão horizontal do relato) e intensivo (o texto contempla da raiz do tema até desdobramentos e implicações; dimensão vertical do relato).

construída reflete não apenas um jogo de forças entre diferentes atores sociais, mas também a maneira como os discursos circulam, são apropriados e reinterpretados. Nesse sentido, mais do que um simples processo midiático centrado na difusão de informações, trata-se de uma ação comunicativa ampla, na qual os sentidos podem ser constantemente elaborados, contestados e ressignificados. O ato de denunciar não se reduz à exposição de um fato, mas envolve disputas por credibilidade, enquadramentos específicos e mobilização de sensibilidades coletivas, evidenciando que a comunicação, mais do que um canal de transmissão, é um espaço de tensão, mediação e transformação social.

Por meio das entrevistas e da análise do vídeo cedido para este estudo, foi possível atestar que os próprios entrevistados se veem representados, o que é substancial para se pensar em textos mais assertivos, menos marcados pelo reforço de estereótipos e pela exotificação, como acontece, muitas vezes, na produção jornalística.

Daniela Arbex parece ser capaz de estabelecer conexões com seus entrevistados no momento da apuração que se revertem em uma narrativa rica em afetos e em detalhes, precisa na reconstituição de cenas e diálogos, como se os tivesse presenciado. O apreço pela fidedignidade, alinhada a uma escrita sensível, reflexo de seu envolvimento com os temas investigados e, particularmente, com as pessoas representadas, mobiliza emoções nas “leituras de capítulo”, embora não se encerre nelas, unindo aspectos da objetividade e da subjetividade jornalística¹², um desdobramento possível para reflexões em trabalhos futuros. Arbex se coloca ao lado das vítimas, assume a sua posição, historicamente mascarada no jornalismo em prol de uma isenção irrealizável. Ao mesmo tempo, não renuncia à precisão de dados, da investigação que a faz transpor as histórias individuais para chegar à consciência do contexto. Desta forma, desenha uma relação mais sensível com o Outro, possibilitando uma alteridade mais ética da qual afirmam Lévinas (1974) e Ricoeur (2014).

O tempo contemporâneo é marcado por uma intersecção complexa entre tecnologia e cultura, na qual a comunicação atua como um motor de transformação. A midiatização não apenas insere as culturas locais nas dinâmicas do mercado e das tecnologias globais, mas também redefine os modos de percepção, as linguagens e as sensibilidades. Nesse sentido, a cultura não pode ser vista como uma mera adaptação às imposições tecnológicas, mas como

¹² Esta união é defendida por Fabiana Moraes (2022) em seus estudos. A autora critica uma objetividade que se confunde com procedimentos instrumentalizados para validar discursos hegemônicos, mas ao propor o Jornalismo de Subjetividade não quer excluir tais procedimentos, e sim tencioná-los. Assumir o engajamento, acusar sua presença e o lugar de onde fala, empregando a pauta como arma de combate à desumanização deve ser um movimento do profissional correlato a determinados pressupostos da objetividade como apuração ampla, checagem de dados, polifonia e fidedignidade às declarações (Moraes, 2022, p. 143).

um espaço ativo de reinvenção e resistência. Novas formas de escrita e de narrativa emergem nesse cenário, criando oportunidades para que sujeitos historicamente marginalizados encontrem visibilidade e expressão. Assim, o desafio contemporâneo não está apenas na apropriação das tecnologias, mas na construção de significados que fortaleçam a diversidade cultural e a participação social. Sendo o vínculo um caminho possível no jornalismo, seria viável explorá-lo em todos os gêneros, respeitando a especificidade de cada um, na era da midiatização, na qual o tempo parece cada vez mais acelerado? E haveria interesse em fazê-lo? Para fomentar à busca por respostas futuras, retornamos ao impulso inicial de Jesús Martín-Barbero (2001, p. 35), em sua menção sobre o lugar da tecnologia e o lugar da cultura na contemporaneidade: a comunicação é o motor de desligamento e inserção das culturas no mercado e nas tecnologias globais (eis a midiatização). Mas também há um novo lugar para a cultura, com novos modos de percepção, linguagens, sensibilidades e escritas. Nesse lugar talvez possa residir o reencontro, em múltiplos moldes, com quem abriu a porta de sua casa para receber o jornalista.

REFERÊNCIAS

- ARBEX, D. Entrevista concedida a Guold Luiza. Juiz de Fora (MG), 4 set. 2023.
- FERRARA, L. D. As semioses da midiatização. In: FERREIRA, J. et. al (Org.). **Entre o que se diz e o que se pensa**: Onde está a midiatização? Santa Maria: FACOS-UFSM, 2018.
- HALL, S. Codificação/decodificação. In: HALL, S. **Da diáspora**: Identidades, e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 387-404.
- KRZNARIC, R. **O poder da empatia**. A arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- LEITURA Capítulos Santa Maria. Vídeo não publicado cedido a esta pesquisa (5min46)
- LÉVINAS, E. **Totalité et Infini**. The Hague: Martinus Nijhoff, 1974.
- LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2008.
- MARTÍN-BARBERO, J. Introdução. Guadalajara, México, jan. 2001. In: MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de Cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 9-41.
- MORAES, F. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2022.

PAIVA, R.; SODRÉ, M. A rua e a rede como novas mediações. In: FELIX, C. B.; BEDRAN, L.; SALDANHA, P. (Orgs.). **Mídia e midiatização do cotidiano**: políticas, subjetividades e produção de sentidos no contemporâneo. Rio de Janeiro: Garamond, 2022, p. 259-274.

QUIROGA, T. Midiatização e virtualidade nas ciências humanas: uma encruzilhada anunciada. In: FERREIRA, J. et al. (Orgs.). **Midiatização, polarização e intolerância (entre ambientes, meios e circulações)**. Santa Maria: FACOS – UFMS, 2020, p. 53-76.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2014.

SERELLE, M. A personagem no jornalismo narrativo: empatia e ética. In: **Revista Mídia e Cotidiano**: revista do Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano da UFF, Niterói (RJ), v. 14, n. 2, p. 44-62, maio-ago. 2020.

SIQUEIRA, J. B. Entrevista concedida a Guold Luiza. Belo Horizonte (MG), 6 set. 2023.

SODRÉ, M. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo volume I**: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

Luiza Gould

Doutoranda e Mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense. Autora de trabalho vencedor do Prêmio Adelmo Genro Filho 2021 (Categoria Mestrado). Autora de a “arte de sujar os sapatos” com a grande reportagem social (Appris, 2022).

Renata Rezende Ribeiro

Professora do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano e do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. Doutora em Comunicação e pós-doutorado na Université Paris V - Sorbonne, França.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-Não-Comercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional